

Thomas Amorim

Universidade de São Paulo

O destino da arte hoje: corpo, reificação e utopia

Fredric Jameson defende que, sobretudo em nossa época, as imagens e demais representações sensuais possuem o atributo de inebriar e impressionar a consciência e sugestioná-la à busca por um duplo mais imediatamente sensorial, corpóreo. Esse inconsciente da percepção coloca em xeque qualquer interpretação simplista e binária acerca da verdadeira arte, digna de análise, e as obras industriais, estéreis e desprovidas de valor estético. O corpo e o contexto material são impositivos e se expressam na produção e recepção de todos os tipos de arte, impondo angústias e esperanças, medo e utopia, por meio de gestos e situações reais em seus fundamentos, apesar de cada forma desviar, inverter ou mitigar ideologicamente seu "núcleo empírico" por caminho próprio. O desejo e recalque, diz Jameson, estiveram presentes no modernismo e na indústria cultural nas formas de negatividade e conciliação, quando o fosso a separá-las era máximo, e hoje sobrepõem-se em utopia e reificação nas diversas produções da cultura de massas (agora integrada e constituída na indústria cultural). O espaço da obra, como observa Jacques Rancière, torna-se de luto quando renuncia à organicidade da vida em favor do fascínio microscópico e da reafirmação das hierarquias do social e ascende à vida quando rompe os limites de movimento e as repartições do social dadas em determinado momento histórico e sugere a partilha do real e a metamorfose da temporalidade.
